

O ESTUDANTE

Orgão do Gremio Litterario Ramos Junior

ANNO I.

DESTERRO, 24 DE OUTUBRO DE 1885

N. 15

EXPEDIENTE

O *Estudante* apparece ás Quinta-feiras.

Assignaturas: 500 rs. por mez. Pagamento adiantado.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao Gremio Litterario Ramos Junior.

O ESTUDANTE

Desterro, 24 de Outubro de 1885.

Gremio Litterario Ramos Junior

Nunca pôde ser assaz elogiado o empenho decidido pelo progresso litterario de um povo.

Entre nós, se lançarmos as vistas, descrentes e desanimadas para qual ponto desta Capital, como por exemplo, nos presos de um particular regosijado de todos os labios, sabido de todo o entusiasmo, o nome sympathico e eminentemente glorioso do Capitão-Tenente de Paula Sena Pereira da Costa, vez mais animado, qual immensa luz que espanca as trevas, é um athleta, incansavel, que bem merece elogios desta heroica provincia.

O que seria dessa bella instituição litteraria de Artes e Officios, a cuja frente tem sabido desenvolver o maior empenho e acuidade possivel?

O que seria do desenvolvimento e progresso de tantos jovens, que não podendo concorrer, com os mais favorecidos da fortuna, e não podendo ainda dispor das horas do

dia, vão ao Lyceu de Artes e Officios, ás horas da noite, receber a luz da instrucção, essa arma valente e invencivel, unico esteio sublime da vida?

Só a gratidão, e os maiores elogios cabem á esse grande benemerito da Patria.

As nossas escolas, a não serem algumas particulares, poucas que são um nucleo de sciencias, o que offerecem, o que é que dão para o nosso desenvolvimento litterario?

Nada, absolutamente nada.

Por isso, e por todos os motivos, devemos tambem das columnas do nosso jornal, orgão dos nossos pensamentos, embora debeis e fracos, lançar um brado de contentamento ao nome já illustre do incansavel propugnador dos nossos progressos.

MUTILADO

Decima

AO AMIGO JULIO S. DE SOUZA

Ao ver o mar altivo, irado, furibundo,
Quebrar-se no rochedo em vaga impetuosa,
O mar qu'inda ha bem pouco um lago parecia,
Tal era a placidez das suas aguas puras;
Eu disse meditando:—A vida neste mundo
Não deixa de co' o mar ter sua semelhança..
Serena—quando sopra a arage, das venturas
Que nos conduz de manso à plaga qu' almejamos,
E procellosa—quando o vento do infortunio
Nos leva impiedoso ao porto da desgraça !
23—9—85.

THEMISTOCLES.

Uma lagrima

A' HORTENCIO PAIVA

A noite era esplendida: a lua brilhando nos
espaços, envolvia a terra em seu mysticó clarão
e as notas de uma musica dulcissima abrigavão-
se no seio do infinito.

Essas notas, que abalavão todas as fibras de
meu coração, partião de um piano.

Tocavam uma walsa, cujas torrentes de har-
monias se assemelhavão-se aos contos da harpa eolia.

Esta musica sua que

MUTILADO

lado de Amelia, partilhar das mesmas horas de
prazer e das mesmas alegrias ?

E ella tocava, mas quando a ultima nota fu-
giu de seus dedos, quando as harmonias findá-
rão-se, senti que uma lagrima triste, nascida
de um coração saudoso, de uma alma apaixo-
nada, rolava descuidosamente pela minha face.

Sim ! e tinha eu razão: lembrava-me de Elisa,
o sol da minha vida, a flôr dos meus sonhos de
moço, a imagem das minhas inspirações, da
mulher, emfim, que eu tanto amo.....

G.

Prismas

Deus—para o dia fez o grande sól,
para a noite formou a mansa lua:
para meu lar—a luz d'um arreból...
essa luz é a luz dessa alma tua;

e depois nos uniu em um abraço,
nossas almas ligou em um só laço
como dois beijos n'um collar sangrento...

E assim o nosso amor, bôa Maria,
Vai crescendo, crescendo noite e dia
como no mar a onda pelo vento !
Desterro

TIMOTHEO MAIA.

Variedade

A' JOÃO GUALBERTO

sombrio e triste ver-se morrer as es-
trelas uma a uma, quando ainda a noite
está á luz do sol que nasce !...
A vida é como a flôr que, airosa solta ri-
bejos da manhã, mostrando seos seios
frescos e cheios de olôr, aos risos do
sol; porém só tem vida as caricias do
sol alvorada; depois crestada, exangue
rastejar o vento frio da tarde, quando
se vai tombar ao leito do occaso.—As-
sim é a vida que morre ao nascer, quando, como
o vento novo cresce com vida, mas que, os
raios e chuvas d'uma noite de tormenta, o fa-
zem pendur a fronte e queixoso morrer ao nas-
cer.—Assim é a vida que passa, como um ribeiro,
que corre veloz, brando, na impetuosidade de
seus rios, levando flôres dos prados, onde pas-
sa recortando-lhe os seios.—Quantas esperan-
ças não fallecem com as flôres, ao desabrocha-
rem tão bellas e altivas ?!
Nasce um dia a flôr !...

Foge-lhe o embrião, ella desenrola os perfumosos seios, á sortir ás faces d'uma aurora constellada e limpida; mais altiva se ergue ao sol que surge, mas ao taciturno crepusculo morre....

Desappareceu a flôr!...

Assim foi minha rubra infancia, que ao sol tropical emmudeceu, quando ainda em sonhos d'ouro, sonhava viver!...

Quando pela curva do passado enveredo os oinos, não vejo traços, sinto correr e mesmo brincar aquelles sonhos, que sonhava á sombra do jambeiro em flôr, quando espreitava dos passarinhos os ninhos.

Quando a manhã sorria, e o sol ás portas me batia em cheio, ia ao prado buscar flôres e revistar meos laços. Porém um dia essa ave dourada, ave que chamamos infancia, voou, voou para longe, onde a perdi de vista; mas um dia quando n'um vergel a somno solto, dormia talvez sonhando, o vento me atirou ao peito uma flôr venenosa, que entranhou-se-me n'alma; porém essa flôr que me ferira tanto, era o primeiro amor que, como um vulcão, me esphacellara o peito.

Amei... mas... um dia o vendaval resoou mui forte; então me lembrei da vida que se findára na aurora dos annos ao alvorecer de uns serenos dias... mas como a minha infancia, fôra o meo amor, que só durou um dia; só, como a flôr foi beijada por uma aurora.

Morreu quando ainda nascia!...

L. N.

A mulher

A' MARIO LOBO

Com petalãs de flôres,
com risos de alvoradas,
e com beijos de amôres
e cousas perfumadas;

Deus, o audaz gigante
da Biblia, poderoso,
fez a mulher radiante
este mimo precioso.

REINALDO MACHADO.

Recuerdo

A' MINHA IRMÃ

Era nessa hora em que o dia
morrendo, o oceano doura
quando tu, creança loura,
morreste tambem... E eu via

sem luz as tuas pupillas,
sem sangue a tua epidérme...
fria, fria como um verme
a tua boca; tranquillã

as mãos póstas sobre o peito,
como uma santa, deitada
no teu derradeiro leite;

branca, branca... coroada
como um anjo satisfeito.

—Ah! pobre flôr desfolhada!

CARLOS DE FARIA.

Variedade

A' JOÃO GUALBERTO DA SILVA

No meio da effervescencia litteraria brasileira, quando Magalhães, o autor dos suspiros poeticos, voltava de sua longa viagem aos paizes estrangeiros, de cujas plagas trazia as melhores impressões para revolucionar o circulo entusiasta de seos companheiros da arte; quando Gonçalves Dias, o deos primordial das inspirações brasileiras, começava os seos preludios de genio, envolvido já nas glorias, que lhe tinham sido dadas pelas suas brilhantes composições—tambem em outra esphera, embora menor, mais curta, de menos prestigio, volviã-se outros genios, que se não podiam alcançar á altura incommensuravel daquelles, todavia cantavão as suas inspirações, procurando por todos os meios dar a seos cantos o impulso importante dos mestres que lhes aliriam um vasto caminho.

E assim de dia para dia os pequenos vultos entusiastas, com aquella corãem que lhes vinha do calor sublime dos mestres, ião augmentando de prestigio, até que puderã um dia ver suas obras, tambem elogiadas.

O empenho desenvolvido pelo genio, quando este não está contaminado das paixões hediondas e reprovadas do seculo, traz consigo o beneficio, como as chuvas que regã as plantas, ou os raios do sol que vivificã os mais escondidos logares do universo.

Bem haja o esforço do genio! bem haja o co-

gitar de todos os dias desses valentes atletas do progresso!

E' sempre glorioso, e bem assenta no espirito dessa mocidade que procura espaços para se expandir, quando se pensa, quando se concebe, na data dos tempos, uma época feliz, uma época brilhante, de onde, como de um sol em brazas, irradiam-se as mais sublimes, as mais puras e arrebatadoras inspirações da poesia.

DULCIS.

Triolet

A' L....

No dia que não te vejo
Debruçada na janella,
Sinto-me triste, donzella
No dia que não te vejo!
Pois eu apenas desejo
Ver-te sempre—flôr singela!
No dia que não te vejo
Debruçada na janella.

G.

Por motivos summamente justos deixou esta folha de sahir quinta-feira, por cuja falta pedimos desculpa aos nossos assignantes.

Recebemos o *Campeão* de Tijucas e o *Commercial* da Laguna.
Agradecemos.

Logogripho

(Por letras)

A' JOSÉ CANDIDO DA SILVA

Nome de mulher—6, 1, 4, 2, 3, 2
Nome de mulher—5, 4, 5, 7
Nome de mulher—2, 1, 4, 5, 7
Nome de mulher—3, 2, 1

CONCEITO

Nome de homem *mulher*

E. V.

Espada de Damocles

Damocles, um dos cortesãos de Diniz o tyranno, tornou-se notavel pela emphase das suas adulações, e incessantemente gabava a ventura de seu senhor. Diniz resolveu inicial-o nos gozos da grandeza, por meio de uma allegoria espirituosa, que faria honra a um califa oriental. Convidou-o a substituil-o durante um dia; depois deu ordem para que Damocles fosse tratado como rei e que lhe fosse servido um sumptuoso banquete.

O cortezão toma logar n'um leito de honra; tem a fronte cingida pelo diadema; cobrem a mesa os mais delicados manjares; Damocles está rodeado de escravos attentos aos seus signaes; deliciosos perfumes se exalam em derredor, e a mais suave musica acaricia os seus ouvidos; os cortezãos o adulam; os poetas entôam cantos em seu louvor.

Elle se embriagava com a sua felicidade, quando de repente, erguendo os olhos, vio suspensa sobre sua cabeça, uma espada, apenas dependurada de um fio de cabello.

Pallido e tremulo, elle deixa cahir a taça que empunhava, levanta-se assombrado e supplica a Diniz que ponha termo á sua realeza; comprehendêra o que é a felicidade de um tyranno.

Eis a origem da locução tão familiar em nossa lingua — *a espada de Damocles* — para significar o perigo previsto que póde acontecer a um homem no meio de apparente prosperidade.